

*Antônio Girão Barroso*

A Cadeira nº 18 da Academia Cearense de Letras não tem como patrono um homem de letras, ou um escritor, como poderia parecer a muitos. Quem lhe dá nome, um grande nome, aliás, chamou-se em vida José Cardoso de Moura Brasil. Antes de preparar este discurso tive o cuidado, como era natural, de perquirir elementos sobre ele e sua vida que eu sabia extraordinária, uma vez que iria ocupar-lhe a Cadeira, por mais de um título gloriosa, no ilustre, prestigioso e tradicional sodalício de cultura que agora me recebe não sei se com a mesma honra e a mesma alegria com que nele me integro em espírito e coração. O que encontrei, infelizmente, não foi muito. Mas, graças à boa vontade e ao interesse de Hugo Catunda, tive à mão, entre outros subsídios, o livro que enfeixa os discursos e demais trabalhos alusivos ao Jubileu Profissional daquele que foi considerado, com inteira justiça, um dos maiores médicos brasileiros e, fora de qualquer dúvida, o expoente máximo da Oculística em nossa pátria. Com efeito, é esse o reconhecimento, quando não o testemunho, de quantos, no Rio como no resto do país, podiam ou podem ainda opinar a respeito, firmando um veredito que é aceito inclusive no exterior, na Europa e na América, particularmente, onde o prestígio científico de Moura Brasil de há muito se alicerçou, sólida e indestrutivelmente.

Lendo, uma a uma, e sempre com crescente curiosidade, as páginas dessa verdadeira antologia a que acima me refiro, assaltou-me de repente — não mais que de repente, como diria o poeta — um pensamento que não deixa de ser engra-

çado, eu diria confiadamente: o de coligir, enfileirando-os alfabeticamente, à moda de um glossário, todos os adjetivos — as centenas de adjetivos, talvez — e expressões outras ditos e reditos para exaltar a realmente enorme figura de Moura Brasil. É natural, independente da justeza de tanta adjetivação ao homenageado, pois o brasileiro adora o elogio, às vezes fácil, às vezes difícil, derramando-se, não raro, em ocasiões como essa, em movimentos de pura poesia, porque é amor de verdade. E isso o salva, sem a menor dúvida. As palavras bonitas, aqui e ali sonoras demais, sobem à tona, ou à cabeça, como no fenômeno da embriaguês. Enfim, é o homem cordial nosso, cheio de generosidades e ao mesmo tempo profundamente individualista, querendo ou deseioso de brilhar também, na festa dos outros. Homenzinho que, às vezes, ganha as alturas de um Castro Alves, cujas qualidades e defeitos — que são do brasileiro de modo geral — foram ressaltados com argúcia e precisão por esse outro nosso patricio, igualmente exemplar, que foi Mário de Andrade. E, é claro, posso mencionar ainda um Rui Barbosa — que se alcançou em Haia, para glória do Brasil mas também dele.

Engraçado, perdoem-me mais uma vez: a todos os discursos, altamente laudatórios, a ele dirigidos, Moura Brasil respondia com absoluta singeleza, quiçá desconcertando os homenageantes, através de orações curtas e desataviadas. Dir-se-ia o nosso homem do interior falando, no seu jeito desengonçado e triste ou quase, segundo a descrição de Euclides da Cunha. Aliás, numa página brilhante, o seu colega Otávio Lobo — que tenho a honra de suceder na Academia — traça dele um retrato que deve ser fidelíssimo, acentuando exatamente aqueles lineamentos identificadores do sertanejo cearense, de que seria, na opinião do notável mestre há pouco desaparecido, a “expressão somática mais perfeita”. Para, logo em seguida, acrescentar: “A terra do Nordeste impregnou-lhe, de tal maneira, no corpo e na alma que, apesar de cultura, educação, meio europeu e ambiente carioca, Moura Brasil permaneceu genuinamente cearense, como qualquer de seus conterrâneos de Caixa-só. Foi impermeável às fórmulas conven-

cionais da civilização e invulnerável como cristal de carbono, nas facetas de seu caráter. Quem o visse naquele andar moroso, passo miúdo, desajeitado na indumentária crônica do fraque, gravatinha preta trepada no pescoço, balouçando ao braço o inseparável chapéu-de-sol, tinha a impressão viva do matuto nordestino.”

Na coletânea dos seus cinqüenta anos de médico, editada em 1925 por iniciativa de colegas, discípulos e amigos, o “Pai da Oftalmologia Brasileira”, como foi merecidamente alcunhado, é visto e estudado sob diferentes aspectos, podendo-se concluir ao final que foi ele de fato uma personalidade de exceção, como indivíduo e particularmente como clínico. “Varão ilustre e venerável, homem de virtude, perito na sua arte”, di-lo o prof. Oscar de Souza, falando em nome da Academia Nacional de Medicina, da qual Moura Brasil fora presidente duas vezes, e mais: criador de escola, filantropo, patriota etc.; “o Iluminador”, chamou-o muito bem Coelho Neto, num elogio que não deve ser tomado apenas ao pé da letra; “uma das mais puras e singulares expressões de energia, de honra, de trabalho e de amor à nobre profissão que abraçou”, “ainda tenaz e robusto na sua velhice veneranda e olímpica”, herói e benfeitor, sábio e nobre, “homem que soube honrar a sua terra e a sua gente”, “glória da própria Medicina Brasileira”, mestre, artista, administrador, semeador (no sentido literal do termo), libertador (sim, de escravos), homem essencial, na concepção de Péguy. . . — sublinhou Augusto Linhares, outro destacado conterrâneo nosso falecido recentemente, médico e poeta, no discurso que pronunciou em nome do governo e do povo do Ceará; “criador da farmácia oftalmológica brasileira”, atestou o representante da Associação Brasileira de Farmacêuticos, Dr. Sousa Martins; êmulo de Pasteur e afim perfeito de Paul Bourget, o médico (e escritor católico) cuja clínica era “dedicada aos pequeninos”, assim disse o padre cearense Assis Memória, afirmando em seguida que a existência de Moura Brasil, “toda a sua fecunda atuação na vida, há sido uma reta entre a Ciência e o Bem, entre a competência e o desprendimento”; “benemérito da humanidade”, “digno exemplar das suas virtu-

des mais fecundas”, foram palavras do grande Clóvis Beviláqua; “estrutura de jequitibá quase centenário”, sugeriu o nosso esplêndido Gustavo Barroso; e o distinguido médico, também cearense, Dr. Nelson Catunda, fala-nos dele como um segundo Marco Aurélio. . . Outros diriam outras coisas igualmente preciosas sobre Moura Brasil: o prof. Aloísio de Castro, médico de nomeada e membro da Academia Brasileira de Letras, e os Drs. Belisário Távora, figura das mais tradicionais do nosso Estado, Alves Távora, falando ambos no Centro Católico, Aleixo de Vasconcelos, Xavier de Oliveira, Eduardo Meireles, o escritor Viriato Correa, os senadores Benjamin Barroso, Joaquim Moreira e Paulo de Frontin, os dois últimos pelo Estado do Rio e Distrito Federal, respectivamente, Cândido Jucá, Capistrano de Abreu, em sugestiva crônica sob o título “Monólito de Pereiro”, João Luso, A. Felício dos Santos, Autran Dourado, Antônio Augusto de Vasconcelos, Luna Freire, Ildefonso Lima, A. Augusto de Menezes, Rufino de Alencar, Manoel de Abreu. . . Como vedes, era uma coorte imensa de homens da mais alta envergadura a exaltar o cearense modestíssimo porém absolutamente convicto da grandeza e da importância da obra social que vinha realizando, sob aplausos gerais.

### TRAÇOS BIOGRÁFICOS

O Dr. José Cardoso de Moura Brasil, chamado o Príncipe da Cirurgia Oculística no Brasil, era filho do Tenente-Coronel José Cardoso Brasil e de D. Teresa Maria de Moura Brasil e nasceu a 10 de fevereiro de 1846 no lugarejo então conhecido por Caixa-só, depois vila e hoje cidade de Iracema, neste Estado. Curioso é que, pelo fato de ter sido batizado na antiga vila do Apodi, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte, onde residiam seus padrinhos Antônio Nunes de Oliveira e D. Mariana — a informação é dele próprio —, surgiram dúvidas se não teria nascido aí, face ao batistério existente, onde não há referência ao local de nascimento, mas dúvidas que Moura Brasil dissipou totalmente, cuidando apenas em não ferir sus-

cetibilidades da gente potiguar. Sim, porque um jornal da capital riograndense-do-norte, o *Diário de Natal*, chegou a reivindicar, se assim podemos dizer, a condição de filho daquele Estado para o legítimo cabeça-chata de Caixa-só. O nosso percuciente Paulino Nogueira, um dos patronos da Academia e historiador de elevados méritos, provou exuberantemente a qualidade de cearense de Moura Brasil em trabalho publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, anos de 1901-1902. Interferindo no assunto a folha natalense, pelo modo já referido, Moura Brasil, do Rio de Janeiro, onde residia, achou prudente enviar elucidativa carta ao seu ilustre conterrâneo, autor de *Vocabulário Indígena*, repondo a verdade em termos definitivos. Depois de narrar as principais ocorrências ligadas ao seu nascimento, afirma o patrono da Cadeira nº 18 da Academia: “Eis porque nasci no Ceará, e igual honra me caberia se tivesse pela primeira vez visto a luz na fazenda “Passagem Franca”, do Rio Grande do Norte (como queriam os seus vizinhos potiguares — a observação é minha), a qual ainda deve pertencer aos herdeiros do meu falecido irmão Joaquim Cardoso.” Essa missiva é do mesmo ano de 1901 e foi transcrita, na íntegra, às páginas 153 e 154 do Livro do seu cinqüentenário profissional.

Mas Moura Brasil não foi apenas um filho do Ceará pelo nascimento, uma vez que, deixando o nosso Estado com apenas 30 anos de idade — ele, que viveu 83 —, poderia ter se esquecido de nós, ou pelo menos nos olvidado um pouco, como tem acontecido a tantos outros, o que realmente não se verificou. Muito ao contrário, no curso de sua longa e afanosa existência, vivendo inclusive na Europa, Moura Brasil jamais perdeu de vista a sua terra e a sua gente, a ponto de, na antiga Capital Federal, ser tido e havido como o melhor “cônsul” do Ceará, em todos os tempos... Nas suas breves — como já acentuei — orações de agradecimento, por ocasião dos festejos das suas bodas de ouro como médico, tinha ele sempre uma palavra para o seu querido torrão natal. Assim, por exemplo: “Ao meu Ceará!” expressão acariciante repetida várias vezes.

Deixando o interior para continuar os seus estudos, Moura Brasil veio para Fortaleza em 1865, com 19 anos, portanto, aqui se matriculando no antigo Liceu, hoje Colégio Estadual do Ceará. Já no ano seguinte viajava para a Bahia, com dois objetivos: concluir os preparatórios e cursar a Faculdade de Medicina, por onde afinal se doutorou em 1872. Embarcou para a Europa meses após, aí se demorando dois anos e meio, principalmente na França, como estagiário e posteriormente Chefe da Clínica de um dos mais famosos oftalmologistas da época, o renomado médico alemão Luiz de Wecker. Também fez estudos na Áustria e na Inglaterra. Regressando ao Brasil em 1875, não foi logo para o Rio, a fim de fixar residência, como pretendia, e sim veio para esta capital, oportunidade em que prestou assinalados serviços à saúde pública da então Província, interessando-se de modo especial pelo surto de conjuntivite granulosa que grassava na região cariense, interesse que foi o ponto de partida para uma série de medidas destinadas a combater o terrível mal, para a descoberta inclusive de processo próprio visando à cura do “maior flagelo da oftalmologia”, na expressão de Augusto Linhares.

Transportando-se para a capital do Império no ano seguinte aí montou consultório, e, no dizer do prof. Oscar de Souza, sua divisa foi sempre “Caridade e Ciência”. Como prova disso, já em 1881, juntamente com outros colegas, criava a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, sem dúvida a mais notável e benemérita instituição assistencial médico-científica do país, gabada por todos, indistintamente, homens do povo e do governo. Para mostrar a importância e amplitude das suas atividades, basta mencionar que nos seus primeiros quarenta e três anos de funcionamento foram tratados na Policlínica, desde a sua fundação dirigida por Moura Brasil, quase trezentos mil doentes, subindo as consultas a perto de dois milhões! Com respeito à posição de Moura Brasil na Policlínica, uma frase somente a define — esta, de Augusto Linhares: “A Policlínica é Moura Brasil, e Moura Brasil é a Policlínica”. Instituiu entre nós “a oftalmologia em moldes científicos” e “formando verdadeira escola de oftalmologia prática”, como

frisou o prof. Aloisio de Castro, Moura Brasil fez da Policlínica um autêntico centro de cultura médica e particularmente de pesquisa nos diversos ramos da ciência de Hipócrates.

Numa certa altura da sua vida, Moura Brasil tornou-se também agricultor, adquirindo uma fazenda no Estado do Rio, que cultivou da melhor maneira possível, ele próprio, já bastante idoso, montando o seu cavalo "Rouxinol" para inspecionar os trabalhos de rotina da bela propriedade. Era a sua laranjala Poliana, como lembrou Augusto Linhares, que a descreve com "cerrados pelotões de bom café Maragogipe", "pratarias cobertas de rebanhos selecionados" e "fruteiral arreado de esquisitos pomos", nela cultivando a Roseira de cem cores, "produto admirável de múltiplas operações, que a sua paciência e perícia de cirurgião conseguiram num só tronco", através do método da enxertia, conforme esclarece ainda aquele que foi, seguramente, o mais devotado discípulo do Mestre quase adorado. O interesse de Moura Brasil pelo ruralismo notabilizou-o de tal modo, também nesse setor, que foi escolhido, no primeiro ano do século, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. Repetia, longe do torrão natal embora, o gesto simples dos seus maiores lavradores e criadores no Ceará e no Rio Grande do Norte.

Foi ainda o nosso perfilado primeiro vice-presidente e depois presidente do antigo Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, pondo-o em regular funcionamento através de medidas que tomou para vencer as dificuldades encontradas — e que não foram poucas — quando assumiu a sua direção. E por um triz não ingressou na chamada vida pública (às vezes tão indisfarçavelmente privada...), o que se deveu certamente à modéstia e natural discrição ou talvez reserva com que encarava a atividade política. Sabe-se, de acordo com o testemunho de contemporâneos seus, que Moura Brasil deixou de ser Ministro da Agricultura ao tempo do Império, deputado e senador e finalmente Governador do nosso Estado, como candidato de conciliação, apoiado por todos os partidos, experiência que talvez desse bom resultado, já naquele tempo, tratando-se de quem se tratava, é claro. Moura Brasil chegou a

aceitar a sua candidatura, mas apenas por motivos táticos, isto é, para possibilitar a harmonia das correntes políticas em luta, o que de fato foi conseguido na época.

Entre outros trabalhos de grande valor científico, os biógrafos de Moura Brasil destacam os seguintes: *Tratado cirúrgico do descolamento da retina* (1879); *Contribuição para o estudo comparativo de diversos processos operativos no tratamento das afecções oculares* (1880) e *Discurso* (lido na sessão magna aniversária da Academia Nacional de Medicina, 1890). Com Guedes de Melo, ex-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, manteve a *Revista Brasileira de Oftalmologia*, publicação bimensal que durou dois anos. O prof. Oscar de Sousa reporta-se no seu discurso aqui citado a dois importantes estudos realizados por Moura Brasil, não esclarecendo, entretanto, se foram devidamente relatados. Diz ele: “Refere-se um à tensão intra-ocular nas raças branca, mestiça, preta e indígena; concerne o outro ao alargamento do campo visual para a cor verde nos indígenas brasileiros.” E prosseguiu, dirigindo-se a Moura Brasil: “Pelos vossos estudos verificastes depois do exame de 3 300 indivíduos que a pressão intra-ocular apresenta-se aumentada em 90% na raça preta, 60% na mestiça e na branca em 10% — estando a visão normal. As inferências práticas desse fato são, ao vosso conceito, que o primeiro termo da tensão glaucomotora é perfeitamente fisiológica na raça preta, com que deve estar avisado o prático para evitar erros do diagnóstico e os consequentes prejuízos para o doente. Por outro lado, resulta uma dedução prática muito importante a maior freqüência do glaucoma na raça preta, como se apura por estas cifras: raça preta na proporção de 15 1/8%; nas mestiças na de 6 1/2%; ao passo que na raça branca é de 4 2/7%”.

Moura Brasil cerrou os olhos a esta vida no dia 1º de janeiro de 1929.